

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

DOMESTIC VIOLENCE AND SOCIAL REPRESENTATIONS

Ulisses Franklin C. Cunha
CEULP/ULBRA

Domingas Alves de Sousa
FIESC

Douglas Fernandes Coelho
FIESC

Flávia Monielly dos Santos Lacerda
FIESC

Maria Helena Ribeiro da Silva
FIESC

Thamyres Rodrigues de Oliveira
FIESC

Edilson Barros de Macedo
FIESC

Resumo: O presente artigo, intitulado *violência doméstica e suas representações sociais* tem o objetivo de expor as representações sociais acerca da violência doméstica inferida através de uma pesquisa exploratória e subjetiva realizada de forma aleatória com 30 pessoas na cidade de Colinas do Tocantins, interior do estado do Tocantins, onde se objetivou conhecer o pensamento do universo entrevistado acerca do fenômeno da violência doméstica, conhecendo-se assim as representações sociais que este universo entrevistado possui. Os resultados serão contextualizados levando-se em consideração as particularidades do universo pesquisado, tais como: faixa etária, sexo, estado civil, religião e nível de escolaridade.

Palavras-chave: *violência doméstica; representações sociais; pesquisa exploratória.*

Abstract: The present article, titled *domestic violence and its social representations* aims to expose the social representations of domestic violence inferred through an exploratory and subjective research randomly with 30 people in the town of Colinas, in the inside state of Tocantins, where aimed to know the thought of the universe interviewed about the phenomenon of domestic violence, thus knowing the social representations that this universe has interviewed. The results will be contextualized taking into account the particularities of the group studied, such as age, sex, civil status, and education level.

Keywords: *domestic violence; social representations; exploratory research.*

Introdução

O presente trabalho aborda a questão da violência doméstica e das representações sociais a ela atribuídas. Este foi elaborado a partir da realização de um questionário estruturado com cinco questões abertas e subjetivas onde se investigou as opiniões e crenças dos entrevistados sobre este fenômeno crescente em nossa sociedade e que de modo geral ainda é pouco discutido.

Os objetivos deste trabalho são conhecer o conjunto de ideias, opiniões e crenças acerca dos temas em questão: violência doméstica e suas representações sociais; formular uma ideia sobre as representações sociais partilhadas por este público, além de fazer a relação entre estes temas, pontuando-se assim as diferenças de ideias e concepções entre os entrevistados considerando-se o sexo, escolaridade e estado civil.

Desta forma, qualquer iniciativa que leve ao palco das discussões este tema para uma possível reflexão acerca das várias facetas que a permeia se faz relevante no âmbito da valorização e da criação de medidas preventivas que amenizem os seus impactos sobre a figura humana.

Os trabalhos anteriores, consultados para a realização da fundamentação teórica deste trabalho, apontam diversas situações atreladas ao fenômeno da violência doméstica; a grande maioria destes em suma ligadas à questão da violência do homem contra a mulher. A respeito das representações sociais, que também é foco deste trabalho, existe uma vasta gama de literaturas, pesquisas, artigos, livros, dentre outros veículos de informação que tratam do assunto de forma

abrangente, todavia, as maiores considerações utilizadas aqui partem da definição original proposta pelo idealizador do termo: o psicólogo francês Serge Moscovici (1925/2014).

Pretende-se, portanto, estabelecer um link entre as teorias estudadas e analisadas, com as respostas dadas pelo público entrevistado, buscando-se assim corroborar algumas opiniões e fatos associados ao tema deste trabalho: a violência doméstica e suas representações sociais.

Metodologia

A pesquisa tomada como ponto de partida para este trabalho foi realizada na cidade de Colinas do Tocantins, cidade esta do interior do estado do Tocantins, distando 300 km da capital, Palmas. Foi entrevistado um total de 30 pessoas escolhidas aleatoriamente, na qual se utilizou um questionário estruturado, aberto e subjetivo, com o objetivo de abstrair suas ideias, conceitos e crenças sobre violência doméstica; os mesmos assinaram um termo de consentimento autorizando a utilização e publicação das informações coletadas. O tipo de pesquisa realizada foi do tipo qualitativo, descritivo e exploratório, tipo de pesquisa esta que visa explorar opiniões, descrever pontos de vista e qualificar suas respostas corroborando-as com teorias já existentes.

Os entrevistados responderam às seguintes perguntas: na sua concepção, o que é violência doméstica? Você já presenciou/e ou vivenciou ou tem conhecimento de alguma situação de violência doméstica? O que você fez ou o que faria? Por quê? Para você, quais pessoas que estão sujeitas a sofrer violência doméstica? Por quê? Na sua concepção, que fatores justificam a existência da violência doméstica? Você concorda com a violência doméstica? Por quê?

O questionário utilizado para a execução do presente trabalho iniciou-se com a identificação dos entrevistados, totalizado por 30 pessoas onde 47% são homens, e 53% são mulheres. Do total de entrevistados 27 % encontram-se na faixa etária de 20 – 30 anos, de 31 – 40 anos 27%, de 41 – 50 anos 33%, de 51 – 60 anos 3%, e acima de 60 anos 10%; Quanto à escolaridade 10% entre analfabetos e alfabetizados; entre fundamental incompleto e completo 17%; ensino médio completo e incompleto 46% e superior incompleto, completo e/ou pós-graduado 30%. Com relação ao estado civil obtiveram-se os seguintes dados: 20% solteiros, 50% casados, 20% união estável, 7% divorciado, nenhum entrevistado viúvo, e 3% outros; Quanto à religião, 63% são católicos, 27% evangélicos, 3% espírita e 7% outros. Apresentamos a seguir o resultado e a análise de tal pesquisa.

Resultados e Discussão

A primeira questão lançada aos entrevistados “na sua concepção, o que é violência doméstica?” procurava abstrair do entrevistado qual o seu entendimento acerca deste tema. De modo geral, as respostas foram bastante diversificadas quando tomadas como parâmetro o sexo do entrevistado. O universo masculino em sua maioria fez menção à agressão, brutalidade, práticas como bater, xingar, discussões, principalmente voltadas para a relação conjugal entre casais formado por marido e mulher. Ainda assim foi citada, embora de forma pouco expressiva a questão da agressão contra crianças e idosos que estão inseridos no contexto doméstico. O universo feminino nas suas respostas, por sua vez, definiu violência doméstica como sendo a prática da agressão do marido contra a mulher, incluído aí o abuso sexual e a humilhação. Houve ainda conceitos mais próximos da definição complexa citada abaixo, quando uma entrevistada disse ser qualquer ação que traga constrangimento para o outro ou afete sua autoestima. Sendo assim, Alves (2005), citando Machado e Gonçalves (2003) apresenta a seguinte definição:

Considera-se violência doméstica qualquer ato, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou econômicos, de modo direto ou indireto (por meio de ameaças, enganos, coação ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (crianças, jovens, mulheres, homens adultos e idosos – a viverem em alojamento comum) ou que, não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência seja cônjuge ou companheiro marital, ou ex-cônjuge ou ex-companheiro marital. (Machado e Gonçalves, 2003).

As definições dadas por ambos os públicos confirmam o que dita Saffioti (1999) quando cita que a expressão “violência doméstica” é muito utilizada como sinônimo de “violência familiar” e frequentemente, como “violência de gênero”, ou seja, a violência contra a mulher cometida por seu parceiro íntimo.

Com relação ao quesito nível de escolaridade houve certa uniformidade nas respostas e conceitos dados pelos entrevistados o que não nos permite afirmar que o grau de escolaridade é fator decisivo na diferenciação desse conceito.

Antes de partirmos para a correlação dos dados obtidos a partir deste primeiro questionamento pontuam-se algumas considerações no que se referem a representações sociais, objetivo este proposto no presente trabalho.

A representação social é uma forma de conhecimento desenvolvida e compartilhada pelos indivíduos e pelos grupos para se posicionarem diante das situações, eventos e objetos, ou seja, é um conhecimento prático que ajuda o indivíduo na construção da sua realidade (SÊGA, 2000). Acrescenta-se ainda que:

Podemos deduzir que o estudo de uma representação social pressupõe investigar o que pensam os indivíduos acerca de determinados objetos (a natureza ou o próprio conteúdo da representação), porque pensam (a que serve o conteúdo de uma representação no universo cognitivo dos indivíduos) e, ainda, a maneira como pensam os indivíduos (quais são os processos ou mecanismos psicológicos e sociais que possibilitam a construção ou a gênese desse conteúdo). (ALMEIDA; SANTOS, 2011. p.293).

Dito isto, as representações sociais, ou seja, a forma de conhecimento compartilhada pelos entrevistados pauta-se na premissa de que a violência doméstica ainda está diretamente ligada à agressão do homem contra a mulher.

Em seguida indagou-se com os entrevistados se os mesmos já haviam presenciado e/ou vivenciado ou tinham conhecimento de alguma situação de violência doméstica e o que os mesmos fizeram ou fariam nesses casos e por quê. As respostas a essas perguntas foram bastante diversificadas e possibilitou que os mesmos expusessem fatos cotidianos e vivenciais de suas vidas, além de oferecer uma janela para conhecermos suas opiniões e pensamentos pessoais acerca do assunto, e dessa forma termos acesso ao conteúdo de suas representações sociais, visto que, como afirma Jodelet (1991, p.668) apud Almeida e Santos (2011), estas são uma:

Forma de conhecimento corrente, dito “senso comum”, caracterizado pelas seguintes propriedades: 1. Socialmente elaborado e partilhado; 2. Tem uma orientação prática de organização, de domínio do meio (material, social, ideal) e de orientação das condutas e da comunicação; 3. Participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum e um dado conjunto social (grupo, classe, etc.) ou cultural. (JODELET, 1991, p. 668).

O universo feminino entrevistado não afirmou ter sofrido qualquer tipo de violência doméstica dentro de sua ideia de violência, entretanto 25 % confirmou ter conhecimento de casos, 43,75 % já presenciaram e 31,25 % não haviam presenciado, tampouco tinham conhecimento. Os homens entrevistados, por sua vez, também asseguraram não ter sofrido qualquer tipo de violência doméstica; com relação a ter conhecimento de casos somou-se um total de 26,7%, de já terem presenciado 53,3%, e aqueles que não tinham conhecimento somaram 20 %.

Ainda respondendo a esta pergunta quando instigados a responderem o que fizeram ou fariam diante de uma situação de violência e porque tomariam tal decisão cabe aqui fazermos uma análise mais minuciosa, visto que a partir destas respostas os entrevistados exporiam algumas crenças e ideias advindas do seu mundo particular e que nos ajudariam a formular uma ideia acerca de suas representações sociais. Analisando as respostas a essa pergunta, de modo geral, não houve

similaridades, portanto, sendo as mesmas individualizadas e expostas a seguir. As respostas dadas pelos entrevistados do sexo masculino que já haviam presenciado ou tinham conhecimento de casos de violência doméstica foram as seguintes:

“- Procurei o colega que foi o agressor para saber dos motivos que o levou a agredir; - Aconselhei o esposo da mulher que tinha sido agredida por outro homem a matar o agressor; - Fiz uma denúncia anônima; - Deixei para lá para não me envolver e sobrar pra gente; - Fiquei quieto, em briga de casal não se mete a colher; - Fiquei quieto por que a mulher não valia nada; - Liguei para a polícia; - Não fiz nada por medo de me intrometer na vida alheia e receio de criar embaraço; - Tentei intervir levando a mulher embora para outra cidade mas não deu certo por que ela nem chegou a ir; - Socorri as vítimas e denunciei para a justiça porque pertencia à minha família.”

Quanto àqueles que não tinham conhecimento nem haviam presenciado nenhum caso de violência doméstica, dentro de sua concepção do que seria violência doméstica, as respostas obtidas foram as seguintes:

“- *Eu denunciaria porque sou contra a violência; - Eu ligaria para a polícia, pois não concordo com a violência; - Denunciaria para a polícia porque é uma falta de respeito contra a mulher;*”.

Quanto às respostas dadas pelo público feminino pesquisado, com relação ao que fez ou faria em caso de presenciar uma violência doméstica e por que, obtiveram-se as seguintes respostas:

“- *Não pensei em denunciar por medo das conseqüências para a pessoa agredida e para o agressor; - Entrei no meio porque não acho certa a violência; - Não me envolvi, mas se fosse contra alguém da minha família tomaria as devidas providências; - Aconselhei ela a denunciar porque era o certo. – Chamei a polícia porque fiquei com dó; - Levei a vítima para a minha casa, mas não denunciei por que depois a mulher volta pro marido e a gente fica na mira porque na época não tinha a Lei Maria da Penha, mas se fosse hoje eu faria uma denúncia anônima; - Não denunciei porque em briga de casal não se mete; - Uma vez eu ouvi, mas nem fui lá. Ando muito sozinha e tenho medo do marido fazer tocaia comigo, mas se fosse minha filha ligaria para a polícia; - Não chamei a polícia, era um casal conhecido, chamei depois para conversar e convidei eles para irem para a igreja, e estão participando até hoje; - Não chamei a polícia porque sabia que ele ia ser preso e não ia ter dinheiro para sair; - Parti para cima do agressor num instinto de ajuda porque ela era minha irmã. – Tentei defender a pessoa agredida porque era alguém próximo a mim.*”

Quanto àquelas que não presenciaram ou não tinham conhecimento de casos de violência doméstica as respostas foram:

“- *Daria um jeito de denunciar escondido, porque a mulher não tem coragem e fica sendo humilhada; - Eu denunciaria porque não concordo e acho muito errado; - Se eu visse uma cena dessas com certeza eu iria ajudar a pessoa; - Eu tentaria apaziguar a situação quase fosse alguém próximo a mim.*”

De modo geral estabelecer uma visão assertiva a respeito das representações sociais expostas através do conjunto de respostas obtidas com tal questionamento faz-se bastante complexa dada a diversidade das vivências, experiências com a violência doméstica e respostas coletadas nesta pergunta. Fato é que sendo estas um “conhecimento de senso comum que orienta as condutas dos indivíduos para a ação” (JODELET, 1991), percebe-se uma incongruência de atitudes: quando a vítima é alguém do seio familiar cabe a intervenção, mas quando é alguém alheio à vivência do entrevistado, este prefere manter-se à distância e não interferir.

Ao serem indagados sobre que tipo de pessoas estariam sujeitas a sofrerem violência doméstica e porquê, no universo masculino entrevistado obteve-se como resposta unânime como sendo as maiores vítimas a sofrerem violência doméstica as mulheres porque seriam o sexo mais frágil, as mais vulneráveis, porque são indefesas, porque têm dependência financeira e dependem do marido e porque o homem acha que é o líder. 43 % citaram que crianças também são estão

sujeitas a sofrerem violência doméstica por serem indefesas e 21% afirmam que os idosos também são passíveis a sofrerem este tipo de violência.

O público feminino entrevistado, por sua vez, pontuou as seguintes respostas acerca da pergunta anterior sobre as pessoas que são sujeitas a sofrerem a violência doméstica e por quê: Para 100 % destas entrevistadas são as mulheres que estão mais sujeitas a sofrerem violência doméstica por razões de serem mais frágeis, por falta de esclarecimento, porque vivem subjugadas ao marido, por falta de amor próprio, por ciúmes, ou quando se separam. Deste total 50 % citaram ainda que crianças também estão sujeitas à violência por que não têm como se defender, porque são frágeis, porque não vivem com seus pais ou ainda por falta de jeito dos pais. 12 % citaram que idosos também são passíveis de sofrerem violência doméstica porque também são frágeis e não têm com se defender. Cabe citar ainda que houve uma entrevistada que citou os drogados e outra que englobou todos os membros da família.

Sobre essa unanimidade em relação à figura da mulher ser a mais propícia a vir sofrer violência doméstica Silva (s.d.) pontua que “é preciso desprivatizar o conflito de gênero, tornar evidente e palpável a relação de poder imposta mediante violência no âmbito doméstico”, ou seja, a crença de que violência doméstica é algo voltado exclusivamente para a violência contra a mulher, imposta pelo cônjuge, ex-cônjuge, ou outro equivalente, faz com que os demais agentes que são passíveis de sofrerem este tipo de violência fiquem marginalizados e colocados de fora no processo de discussão deste tema.

Os entrevistados foram questionados também sobre o que pensavam sobre quais fatores justificam a violência doméstica tendo o público masculino citado como fatores: a desonestidade, o machismo, o álcool, ciúmes, situação financeira, quando há um distanciamento na relação, interferências de familiares na convivência, drogas, falta de diálogo, mau humor devido algum problema, vestimenta da mulher, filhos de outro relacionamento, autoritarismo, traição, falta de respeito, e houve apenas uma citação de que não havia nenhum fator que justificasse a violência. O público feminino citou como sendo fatores que justificariam a ocorrência de violência doméstica itens como: uso de drogas, bebidas, o silêncio das vítimas, ignorância, maldade, falta de caráter, ciúmes, problemas psicológicos, falta de amor, falta de esclarecimento, de ética, omissão da denúncia, leis menos rígidas para os agressores, o perdão imediato do agredido em relação ao agressor, falta de amor próprio, medo de enfrentar a vida e procurar novos caminhos por parte do agredido, maldade, intolerância, dependência financeira de um em relação ao outro, autoritarismo, e apenas três das entrevistadas afirmaram não haver nada que justifique a prática da violência doméstica contra o outro.

O questionamento final proposto aos entrevistados foi se concordam com a violência doméstica e por que; ao que 100 % do universo entrevistado de ambos os sexos responderam que não concordam, porque em suma acreditam que violência não resolve ou faz parte de uma convivência saudável e que as coisas poderiam ser resolvidas com paciência, respeito, consideração, diálogo e confiança. Vale ressaltar que embora 100 % dos entrevistados não concordem com a violência doméstica uma entrevistada do sexo feminino afirma que embora não concorde com esses casos, “algumas mulheres fazem por merecer”.

Considerando a análise do contexto apresentado a partir das respostas dos entrevistados, observa-se que as representações sociais no conjunto de ideias relacionadas ao tema em estudo demonstram um suposto desconhecimento e/ou desvalorização por parte de alguns entrevistados. Tal situação pode ser correlacionada a fatores tais como: cultura e costumes regionais. Vale ressaltar que o histórico patriarcal, traz resquícios que se encontram intrincados em grande parte da população influenciando diretamente em suas ideias e definindo seus posicionamentos diante de temas polêmicos tais como o referido no presente artigo, e tais situações definem as representações sociais.

Considerações Finais

As representações sociais, sendo o conjunto de crenças, conceitos e opiniões dos indivíduos e partilhadas coletivamente, atuam, de fato, como orientador das ações e atitudes daqueles que as partilham, logo o conceito que os entrevistados atribuíram à primeira pergunta do questionário “o que você entende por violência doméstica?” nortearam as demais respostas das perguntas que

se seguiram.

Ao final deste trabalho que objetivou traçar um panorama das representações sociais acerca do fenômeno da violência doméstica, através de um questionário aberto e subjetivo, percebe-se que este ainda é um tema pouco discutido e de entendimento superficial para a maioria entrevistada. As definições dadas por estas pessoas a este fenômeno ainda estão centradas na violência física do homem contra a mulher o que faz com que as demais formas de violência doméstica permaneçam fora do palco central das discussões.

Na perspectiva dos entrevistados a violência doméstica não se justifica por si só, mas alguns fatores, de acordo com estes, contribuem para a sua existência, dentre eles o consumo frequente de bebida alcoólica, o uso de drogas, o machismo e o ciúme. Apesar de alguns pontuarem que os fatores citados anteriormente contribuem para a sua existência nenhum dos entrevistados concordam com a violência doméstica.

Portanto, qualquer iniciativa com a finalidade de expor e discutir esse fenômeno se torna relevante no sentido de ampliar a visibilidade e tirar desta o manto obscuro que a cobre. Logo, ao se levantar o debate e os questionamentos que surgem quando se fala deste tema, ampliam-se a reflexão das várias nuances pelas quais a violência doméstica perpassa, significando assim possíveis mudanças no pensamento partilhado pela coletividade e conseqüentemente ao se mudar esse pensamento, entendido aqui como suas representações sociais, poderão ser levantadas iniciativas para o combate e diminuição dos casos de violência doméstica.

Referências

- ALEXANDRE, Marcos. **Representação social: Uma genealogia do conceito**. Rio de Janeiro. 2004.
- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **A Teoria das Representações Sociais**. Psicologia Social Principais Temas e Vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CASSOL, Senador Sadi. **Lei Maria da Penha – Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Senado Federal. Brasília, 2009.
- SANTANA, Michelle Miranda et al. **A Violência Doméstica Sob o Olhar de Mulheres de Comunidades Populares Urbanas**. Artigo da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <http://www.proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva>. Acesso em 19 de maio de 2014.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo em perspectiva. (online). 1999. vol. 13, nº 4, p. 82-91.
- SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Porto Alegre. 2000.

Recebido em 29 de fevereiro de 2016

Aprovado em 5 de abril de 2016